

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA



Trabalho de Conclusão de Curso

O PROBLEMA DO MAL EM AGOSTINHO

ELISA LUCENA

Pelotas, 2006

ELISA LUCENA

O PROBLEMA DO MAL EM AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia –
Instituto de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Vasconcellos

Pelotas, 2006

Dedico este trabalho a minha filha, Larissa Elisa, que sempre esteve ao meu lado, dando seu incentivo e apoio, apesar de sua tenra idade, minha verdadeira motivação para o término deste trabalho.

Obrigada

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Vasconcellos, por sua dedicação, paciência, sua generosidade e pela sua compreensão. Parabenizo-o por ser o mestre que é, e pelo seu exemplo na prática da docência.

Obrigado

*Crer para compreender;
Compreender para crer.
(Agostinho)*

Agostinho sustenta que o mal não pode ser entendido como substância (ousia) pois pensar o “Ser” é pensar “inteligentemente” pensar “uno”, pensar “bem”. Então, o pensar filosófico exclui todo o fantasma do mal substancial.

(Paul Ricouer)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 O MAL NA PERSPECTIVA MANIQUEÍSTA.....	8
1.1 O MANIQUEÍSMO.....	8
1.2 A RESPOSTA DOS MANIQUEUS AO PROBLEMA DO MAL.....	16
2 O LIVRE-ARBÍTRIO	21
3 O MAL EM AGOSTINHO: HERANÇA E SUPERAÇÃO DO NEOPLATONISMO.....	26
3.1 O PROBLEMA DO MAL NA VISÃO NEOPLATÔNICA DE PLOTINO.....	27
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata o problema do mal moral no homem, no pensamento de Agostinho. Entre muitos assuntos por ele tratado, o problema do mal é um tema polêmico e instigante, pois se trata de uma preocupação tão antiga, quanto atual, vários pensadores de todas as épocas investigam e procuram solucionar o problema do mal no mundo.

Este trabalho intitulado “O Problema do Mal em Agostinho”, tem por objetivo analisar a solução de Agostinho ao problema do mal, não que ele tenha solucionado definitivamente o problema, se o tivesse solucionado não precisaríamos mais procurar tal solução. Sendo Agostinho um grande pensador, não só de sua época, pois, ele tem grande influência no pensamento filosófico no ocidente até nos dias de hoje, Agostinho tenta conciliar a bondade de Deus com a existência dos males presentes no mundo e prova, por meio de argumentos racionais, que Deus não é o autor do mal.

O problema do mal angustiava Agostinho desde cedo e por este motivo ele se envolveu com o maniqueísmo, na sua juventude permanecendo nesta doutrina por quase uma década, onde Agostinho foi buscar a resposta para o mal no mundo, e depois de convertido ao cristianismo, continuou envolvido com esta questão para refutar as idéias maniquéias, referentes ao problema do mal. Por esta razão o primeiro capítulo do nosso trabalho aborda a doutrina maniquéia, sua origem e a resposta dos maniqueus ao problema do mal moral no homem, os maniqueus acreditavam em dois princípios ontológicos, a Luz e as trevas – era uma seita dualista-materialista, e a principal questão dos maniqueístas era que – De onde vem o mal?

No segundo capítulo de nossa pesquisa trataremos de expor a obra “O Livre –Arbítrio”, de Agostinho, esta importante obra tem como tema o problema da liberdade humana e a origem do mal moral, o qual para o autor era insuportável a idéia de que Deus era o responsável pelo mal no mundo. Esta referida obra foi escrita com o intuito de apontar os erros dos maniqueus na questão do mal.

Agostinho explicou o problema do mal em três níveis: o metafísico-ontológico; moral e físico. O autor conclui que a origem do mal está no homem, o mal é o fruto do pecado que ocorre através do livre-arbítrio do homem, em sua má escolha, o mal é o mau uso do livre-arbítrio que é um bem. Ontologicamente Agostinho apresenta o mal como um não-ser, deficiência ou privação do bem. O mal físico é a consequência do pecado original, ou seja, é a consequência do mal moral que reflete no corpo.

E finalmente no terceiro capítulo de nosso trabalho, vamos analisar a grande influência do neoplatonismo em Agostinho e como ele os superou. Em Plotino, Agostinho encontra uma explicação para o problema do mal; para os neoplatônicos o mal não forma uma substância, mas ao contrário é destituído de substância, é a ausência do ser e não tem nenhuma consistência ontológica, e a preocupação neoplatônica seria – O que é o mal? Agostinho vai além superando-os, dizendo que o mal é uma ausência do bem, e neste sentido Agostinho põe um senso ético-moral ao classificar o mal como a ausência do bem.

1 O MAL NA PERSPECTIVA MANIQUEÍSTA

Neste primeiro capítulo vamos tratar do mal na perspectiva maniqueísta, a fonte principal deste nosso capítulo é a obra “O Problema do Mal na Polêmica Antimaniqueísta de Santo Agostinho”, de Marcos Roberto Nunes Costa. A obra “O Livre-Arbítrio” de Agostinho, que será analisada no segundo capítulo de nosso estudo, é uma resposta do autor ao problema do mal tal como é concebido pelos maniqueus. Por isso, num primeiro momento, veremos algumas características gerais desta doutrina e, depois sua resposta ao problema do mal.

1.1 O MANIQUEÍSMO

O maniqueísmo foi uma seita fundada por Mani (ou Manés) na Pérsia por volta do ano de 242 d.c, espalhando-se depois pelo o Egito, Síria, África do Norte e Itália.

Mani, o fundador do maniqueísmo, era um monge asceta, nascido em 14 de abril de 216, na aldeia de Nahar-Koutha, distrito de Mardinu, localizada entre os rios Eufrates e Tigre, na Babilônia do Norte, por isto também tratado como “O Babilônico”. Os maniqueus tornaram bela a história das origens familiares de Mani criando uma semelhança com a história de Jesus, pois consideravam Mani como o profeta enviado por Cristo.

Declara Marcos Costa:

Assim sendo, ao seu pai, Futak Bahak devam uma descendência nobre, como fazendo parte da linhagem dos Arsácidas, a exemplo de José, que era proclamado como descendente da antiga família real de Israel.

Igualmente, por analogia cristianizante, deram a mãe de Mani o nome da mãe de Jesus: Maryam. A semelhança das narrações da infância de Jesus, onde consta a partida do casal José e Maria para Jerusalém e dali para o Egito, os pais de Mani teriam emigrado de Hamadam para al-Mada'in e dali para Nahar-Kuthi. Por fim, uma outra semelhança é que, a exemplo de Jesus, Mani é filho único.¹

Mani nasceu e conviveu até seus 24 anos de idade com os helxassaitas, que era uma seita estranha em que ligavam, práticas judaicas, com dogmas cristãos e práticas da magia. Por volta de seus 12 anos, Mani teria sido visitado por um anjo mensageiro do Reino da Luz, chamado al-Tawm, o qual lhe anunciou as primeiras Boas Novas de sua religião, porém dada a sua juventude ele ainda permaneceria entre os helxassaitas, mas já demonstrava seu descontentamento para com estes até que começou a surgir conflitos, e os mesmos aumentaram até que doze anos depois houve outra aparição e o mensageiro revelou-lhe os mistérios e deu-lhe ordens para proclamar a verdade divina.

Então aos 24 anos Mani um jovem genial em alguns aspectos visto que, dominava quase todas as línguas do Império Persa, havendo tomado conta da sua missão começou a anunciar a sua nova fé. Ele percorreu vários países, indo propagar sua religião por toda Ásia, na Índia e, finalmente na China, onde teve contato com as seitas orientais e que influenciaram o pensamento de Mani. E mesmo se dizendo o enviado de Jesus Cristo ele incluiu também Buda e Zoroastro como seus precursores. Trinta anos depois ele volta a sua terra natal, onde ele é acusado de heresia e é iniciada uma série de perseguições a Mani e os adeptos de sua doutrina. Comenta Marcos Costa:

Finalmente, em 277, Mani foi encarcerado na cidade de Gundêshahpúr, na Susiana e, depois de 26 dias de prisão, seguindo a tradição, crucificado e esfolado, provavelmente em 26 de fevereiro de 277, com sessenta e um anos de idade, tendo sua pele exposta em um templo dos arianos.²

Todavia, sua seita não morreu com ele, Mani deixou alguns escritos chamados Escrituras Maniquéias ou Cânon Oficial. Que deveria ser seguido ao pé da letra pelos membros da igreja e seus discípulos.

Então a nova religião se propagou e, em 377 em Catargo, Agostinho conheceu e começou a participar da doutrina maniquéia. Esta seita se preocupou com a origem do mal, sendo uma doutrina dualista que pregava a causa ou a origem

¹ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho. cap.3.1, p.53.

² Idem, p.57.

do bem do mal no mundo, o tema central desta doutrina estava em saber se Deus é o autor do bem, não pode ser também a causa do mal, e a resposta é de uma ordem ontológica-cosmológica-materialista. O maniqueísmo se apresentava de uma forma trinitária, esclarece Marcos Costa:

“Onde a história gnóstica do Salvador está dividida em três tempos, conforme revelada a Mani: “Eu sou o Paracleto – diz Mani no Saltério Maniqueu, de Medênet Môdi-“ , “aquele que veio do Pai para revelar os três tempos: o início, o meio e o fim.”³

O primeiro tempo, ou inicial, é a origem ontológica dos dois reinos, o segundo o tempo médio é uma mistura entre os dois reinos que se caracterizava pela queda de uma parte da Luz na matéria tendo o início da luta entre os dois reinos, e o terceiro tempo final que é o retorno definitivo da Luz às suas origens, ou seja, á libertação ou separação de todas as luzes misturadas na matéria; com a entrada de todas as almas no reino do Pai e a queda da matéria e dos demônios no inferno tenebroso.⁴

Desde o início da eternidade, existe dois princípios, o Reino da Luz e o das Trevas, o do bem e o do mal. Sendo que o primeiro, o Reino da Luz, está situado no alto e é a casa do Pai da Grandeza, que se chama Deus, e seu domínio é o reino da luz, e essa luz é imaculada e somente pela razão podemos vir a perceber, mas pelo sentido é inviável a percepção desta luz imaculada. Para a doutrina maniqueia o deus (da luz) é semelhante ao Deus do cristianismo, mas apesar de que o deus maniqueu tenha uma natureza espiritual ele é totalmente diferente, pois é um ser corpóreo, não com uma forma limitada ou finita, como a humana, mas infinita e ilimitada.

Declara Marcos Costa:

Nas Confissões, Santo Agostinho, falando acerca da mudança de sua concepção maniqueísta de Deus ocorrida a partir do descobrimento do neoplatonismo, especialmente através de Santo Ambrósio, mostra-nos como os maniqueus eram incapazes de pensar alguma substância que não fosse corpórea, inclusive a substância de Deus, daí ser Deus para eles um ser corpóreo, ainda que não tendo uma forma humana, pois o antropomorfismo era inaceitável para eles. Ou seja, até ouvir os sermões de Ambrósio, Agostinho não imaginava a possibilidade de uma substância espiritual. Deus para ele, no maniqueísmo , uma substância corpórea.⁵

³ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniqueia de Santo Agostinho. cap.3.2.1, p.60.

⁴ Idem, p.61.

⁵ COSTA, Marcos. Maniqueísmo- História, Filosofia e Religião. cap.3, p.45.

Então encontramos representações do deus maniqueu como uma força física, como uma luz de raios, talvez por isto os maniqueus adoravam o sol, a lua e conseqüentemente a doutrina maniquéia é também chamada de “teologia solar”, pois essa Luz é composta sob cinco formas: luz, beleza, paz, vida da alma do mundo e força da cruz de luz. E segundo a doutrina maniquéia o deus de luz tinha uma concepção onde ele era uno e múltiplo tanto o Pai quanto o seu Reino era da mesma natureza (panteísta). O segundo reino- Reino das Trevas, o seu chefe chama-se satanás, que tem o domínio das trevas, que é mal quanto a sua natureza, sendo esta também física, ilimitada e infinita é identificado como a noite do erro, da matéria, da carne e do desejo, e também é composto por cinco filhos do mal: as trevas, água turva, o vento, fumo e fogo.

E estes dois princípios segundo os maniqueus são incriados ou co-eternos, e esses dois reinos ou princípios têm poder idênticos, pois ambos tem poder de criar, ou de emanar em igualdade e com relação ao valor, eles afirmam que a Luz é superior as Trevas, por suas qualidades intrínsecas de bondade, beleza e inteligência e essas qualidades causaram inveja ao Reino das Trevas sendo o motivo do início da luta entre eles.⁶

No tempo médio se realizou as criações ou emanações, e é dividido em três momentos: homem primordial, o primeiro tempo; o espírito vivificador, o terceiro enviado de Jesus, que é o segundo momento e o terceiro momento que é Mani – o retorno às origens.

No homem primordial conta-se que tanto o Reino da Luz, quanto o das Trevas não sabia da existência de um ou de outro, o que aconteceu é que o príncipe das Trevas viu o espetáculo maravilhoso da Luz, bem superior a ele e ficou enraivecido então foi até o limite do Reino da Luz provocando um imenso alvoroço, e transformando os cinco elementos da matéria em cinco emanações suas e lançou-os contra o Pai da Grandeza e dessa forma no maniqueísmo os demônios são representados pela forma de leão, águia, de peixe e de serpente ou pelos cinco metais; ouro, cobre, o ferro, a prata e o estanho e ainda pelos cinco sabores: o salgado, o azedo, picante, o insípido, e o amargo. O Pai da Grandeza se vendo atacado por emanação de sua própria substância faz surgir o Homem Primordial e junto com seus cinco filhos – éter, ar, luz, água e fogo combatem as forças das

⁶ Idem, p.49-50.

Trevas. E no meio do combate o Homem Primordial e seus cinco filhos são aprisionados e sua alma tomada pela matéria, assim sendo uma parte do Homem Primordial que é alma do Pai da Grandeza fica encerrada na matéria. Esclarece Marcos Costa:

“Tal é a origem ontológica da mistura entre o Bem e o Mal que justificará para sempre a necessidade de um salvador (dentre eles, Cristo e Mani), que liberte as partículas da Luz, ou a alma boa das armadilhas da matéria [...]”⁷

Para os maniqueus é tão natural que exista uma substância de Luz que se chama Deus, e outra contrária as das Trevas que este confronto entre o Bem e o Mal existirá por todos os séculos e se encaminhará para uma batalha cósmica. Agostinho critica veementemente este Deus maniqueu visto que a natureza deste Deus é corruptível e tão má quanto a natureza do Príncipe das Trevas, este Deus não seria um Deus sumamente bom, justo e perfeito.

No segundo momento o Espírito Vivificador salva o Homem Primordial das Trevas, mas deixou seus cinco filhos misturados a matéria, parte de si mesmo. Então o Espírito Vivificador (demiurgo) tenta organizar a substância que ficou mesclada , criando as montanhas, o céu , a terra, os astros, as estrelas, o sol, a lua, os planetas e os colocou em movimento, gerando os dias, as semanas, os meses e os anos. Mas ainda não estava completa a criação ou emanção, faltava uma terceira emanção, esclarece Marcos Costa:

[...] o terceiro Enviado adota a bela e majestosa forma feminina de Virgem da Luz, ou Mãe da vida, que, na sua desnudez radiante, excita os desejos carnis dos arcanjos do Mal, que expelem seu esperma. Seu pecado cai sobre a terra úmida, fecundando-a, dando origem às arvores e aos animais, dentre eles a primeira dupla de seres humanos: Adão e Eva.⁸

Para os maniqueus todos os seres vivos, vegetais, animais e humanos são a mistura da matéria com a luz, nenhuma criatura emanou ou nasceu diretamente de Deus, somente os seres etéreos (Homem Primordial e o Espírito Vivificador), os outros seres são a mistura da matéria com a luz e trazem em si as duas naturezas a boa e a má ao mesmo tempo. Este é um ponto de muita importância para a doutrina maniqueísta ao qual reconhece a consubstancialidade entre Deus e alma humana (alma boa), a partir que Deus liberta a alma está

⁷ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho. cap.3.2.1, p.71.

⁸ Idem, cap.3.2.2, p.75.

libertando a si mesmo, visto que a alma é uma parte sua. Agostinho rebate este pensamento isto não é possível, se houvesse uma substancialidade entre Deus e a alma humana, Deus seria corruptível, mesmo que esta alma fosse boa, pois Deus não está sujeito a invasão ou mancha, Ele não pode sofrer corrupção.

Jesus um quarto personagem que entra em cena para libertar o homem dos erros limpar as almas boas (*animae bonae*) e salvá-las do estado de mescla (*commixto*) e para tirá-las da servidão e Jesus tem ainda outra responsabilidade de transmitir a Adão e seus descendentes, a grande mensagem de libertação (*gnoses*), ele é o Grande Pensador aquele encarregado de instituir a mensagem da gnose, vindo salvar o homem e salvando a si mesmo, pois a alma do homem não é senão parte de Deus.

Declara Marcos Costa:

“A partir de então, o homem recebe a faculdade de reconhecer a mescla de sua condição humana, a dualidade essencial que sua condição humana implica, na qual alma se sente aterrorizado pela matéria, origem infernal de seu corpo, que é maldição.”⁹

Desta forma o homem tem consciência da sua condição humana que traz também a revelação da ciência do mundo, sua origem e destino do cosmo; descobrimos que nossa salvação do mundo e vice-versa. É nesta fase que Jesus é chamado de Jesus Cruz da Luz, nos escritos dos maniqueus, pois sendo os maniqueus panteístas acreditavam que Deus é a Vida do mundo e está presente em todas as coisas materiais, ou seja, Jesus está em todas as coisas materiais e nós o vemos em todo parte ele é chamado de “Jesus Cruz da Luz”, porque se dá na matéria todo o calvário de Jesus.

E finalmente o Jesus histórico que Mani fundamenta sua missão, pois Mani se intitula o enviado de Cristo, um apóstolo de Jesus, mas mesmo assim para os maniqueus Jesus era igualado a Buda e Zoroastro, eles os maniqueus, não aceitavam que Cristo descendente da linhagem genealógica de Davi, e ter nascido da Virgem Maria, pois o próprio Jesus nunca professou por sua própria boca sua linhagem terrena, mas, sim que procedia de Deus Pai. E para os maniqueus Jesus não padeceu na cruz e nem ressuscitou, é somente fatos históricos, mas não reais.

Relata Marcos Costa:

⁹ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho. cap.3.2.2, p.81.

A verdadeira paixão e crucificação de Cristo está, para os maniqueus, na mescla ou mistura da luz na matéria, isto é, Cristo (também chamado de Jesus Partibilis ou da Cruz da Luz) encontra-se crucificado nas partículas da Luz (alma do mundo) presa ou cativa na matéria. Em síntese, os maniqueus negavam que Cristo fosse a encarnação do Verbo em um corpo humano.¹⁰

Isto significava que Deus tem uma forma antropomórfica , e que Cristo não necessitava de um corpo humano. Por estes motivos Agostinho assinalava que a doutrina maniquéia era um engodo e muita obscura. Com o terceiro tempo Mani retorna as origens e começa a última fase do plano da libertação do Salvador, é o início da última etapa entre o Reino da Luz e o das Trevas. Mani é consciente que com ele inicia o terceiro estágio, e que ele tem a responsabilidade de criar e divulgar uma nova religião universal que suplantará as demais e o destino dessa nova religião é de conquistar as outras religiões para se tornar uma só, uma religião completa. Porque para Mani o budismo, o zoroastrismo e o cristianismo eram religiões limitadas e que, segundo Mani a doutrina maniquéia é integralmente depositária da verdade universal, portanto uma gnose perfeita, a superioridade desta seita está que Mani tem completa e total certeza do início, do meio e do fim das coisas e a mensagem de Mani apresenta-se como um último chamado de conversão à salvação.

Por alegar a universalidade a doutrina maniquéia tem quatro características básicas: um caráter missionário, ser uma “religião do livro”, uma religião hierárquica organizada e por último e não menos importante ser uma religião revelada, de caráter profético. O caráter missionário está que a doutrina maniquéia é predestinada por Deus, ou seja, tem a vocação de ser missionária , por esta razão Mani e seus discípulos saíram pelo mundo a anunciar a “boa nova” da salvação. E a propaganda maniquéia segundo os escritos de Agostinho era direcionada tanto aos pagãos quanto aos cristãos, ignorantes ou cultos, mas suas presas mais fáceis, era os cristãos menos cultos. Relata Marcos Costa:

“E é por isso que, em suas obras antimaniquéias, Agostinho justifica-se, quase sempre, por usar, também, uma linguagem simples, para atingir os fiéis incultos vítimas das falácias dos maniqueus.”¹¹

¹⁰ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho, cap.3.2.2, p.88.

¹¹ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho, cap.3, p.91.

Mas os escritos de Agostinho nos dizem de conversos cultos, como ele próprio e seus amigos Romaniano e Honorato, porém o alvo dos maniqueus sem dúvidas era os cristãos ignorantes. Os maniqueus os procuravam para conversar e geralmente era em público e dessa forma eles (maniqueus) obtinham êxito nos debates pela sua eloquência, isto lhes dava fama e prestígio usando também a dialética e com um discurso pré-programado conduziam seu adversário a um caminho sem saída. E por esta vocação missioneira o maniqueísmo se expandiu tanto no tempo como no espaço. Esclarece Marcos Costa:

Ao longo de quase mil e duzentos anos, desde o século III ao XV, a religião de Mani desenvolveu suas conquistas, mantendo-se com maior ou menor sucesso, mas suscitando ecos por toda a superfície do globo, tornando-se, ao lado do Cristianismo, do Budismo e outras, uma das grandes religiões da humanidade.¹²

A segunda característica do maniqueísmo, segundo sua pretensão de universalidade é a “religião do livro”, a de uma única Escritura era o que garantia o êxito do maniqueísmo, que dava suscetibilidade para que se tornasse uma verdade única e universal, pois as outras religiões como o budismo, o zoroastrismo e o cristianismo, seus fundadores não escreveram nada, não colocaram nada por escrito o que foi recebido por revelação. Mani para se prevenir das várias interpretações que poderiam dar a sua nova religião resolveu escrever ele mesmo o que lhe foi revelado e que deveria ser seguido por seus discípulos. Os escritos de Mani, ele mesmo os reuniu em sete livros, que foram considerados como as Escrituras Maniqueias ou Cânon Oficial do maniqueísmo. Os sete livros escritos por Mani, estão escritos na língua persa e na língua Síria. São eles: 1- Livro dos Mistérios; 2- Livro dos Gigantes; 3- Livro dos Preceptores; 4- O Shôpurakâr; 5- O Tesouro da Vivificação ou Tesouro dos Viventes; 6- O Farakmatija e o 7- O Evangelho, é o livro mais importante e o mais citado dos sete e traz uma síntese da doutrina de Mani.¹³

A terceira característica a da ordem hierárquica é que Mani é a única cabeça e chefe, e a igreja era dividida em dois grandes blocos, o lado da massa (os leigos) e as do clero (os “santos” ou “eleitos”). E a última característica a de profetizar, Mani o enviado do Pai para revelar os três tempos, início, meio e fim e os doze mistérios (gnose). E estes doze mistérios são o fundamento da doutrina maniqueia, o dualismo

¹² Idem, p.93.

¹³ Idem, p.95.

(o Bem, ou a Luz e o Mal, ou as Trevas), os doze mistérios anunciados são: 1- os dois reinos; 2- a Luz e as Trevas; 3- o combate; 4- a mistura da Luz nas Trevas; 5- a constituição do cosmo; 6- a libertação da Luz nas Trevas; 7- a criação de Adão; 8- o mistério do conhecimento; 9- a missão dos enviados; 10- os mistérios dos eleitos; 11- dos catecúmenos; 12- e dos pecadores.

Tendo visto o maniqueísmo, o próximo item a ser analisado na nossa pesquisa será a respostas dos maniqueus ao problema do mal.

1.2 A RESPOSTA DOS MANIQUEUS AO PROBLEMA DO MAL

Um dos pontos capitais no maniqueísmo são as questões morais, ou como eles resolvem o problema do mal moral no homem. Esta questão atraiu muitas pessoas inclusive o jovem Agostinho, com o qual convivia com uma dúvida angustiante e queria uma resposta ao problema do mal moral, ali naquela seita muitas pessoas acreditavam ter encontrado a solução ou a resposta a este problema, sabendo que para os maniqueus o homem não era totalmente livre, pois uma de suas partes era ontologicamente má e deterministicamente condenado a fazer o mal. Acreditando que existe duas almas no homem (antagônicas), uma boa que vem de Deus e a má que vem do demônio. Então o ponto de partida para o pecado é a mistura da alma boa com a alma má, mas a alma boa não é responsável pelo mal ela está subordinada as necessidades e o pecado é conatural a alma encarnada, desta forma o mal é algo natural e não moral, o problema do mal no maniqueísmo está no nível ontológico-cosmológico-materialista e determinístico .

Segundo a doutrina maniqueia o homem não é responsável pela prática do mal, porque ele já está deterministicamente marcado para fazer o mal, pois faz parte de sua natureza (parte má- matéria), é algo quase como involuntário, que não faz parte de sua livre escolha.

Relata Marcos Costa:

Assim, a moral individual estava perfeitamente enquadrada dentro do sistema cosmológico como um todo, pois, do mesmo modo que no universo físico, o mal presente no homem não estava relacionada a Deus que, na sua natureza, é bom, mas a um princípio ontológico independente- o Reino das Trevas ou a matéria- tão poderosa quando Deus.¹⁴

¹⁴ COSTA, Marcos. Maniqueísmo-História, Filosofia e Religião. cap.4, p.92.

Neste conceito o bem é apresentado como passível de ser corrompido pelo mal e dele vir a ser prisioneiro, ainda coloca o homem em um dilema: de um lado a alma boa ou uma parte dela está presa a matéria estão deterministicamente está sujeito a praticar o mal e assim fica fácil a quem culpar o mal moral no homem, ou seja, ele não é culpado pelo mal que pratica, recaí no princípio ontológico do mal, por outro lado o maniqueísmo propagava que a alma pela suas próprias forças poderia libertar-se do mal e chegar ao Reino da Luz, por meio de um processo de autoconsciência, quando o espírito toma consciência de si dentro da matéria e procura a sua salvação, mas este ato não é do livre-arbítrio, pois a alma segundo os maniqueus não tem vontade livre, não escolhe entre o bem ou o mal, este ato se dá por acidente. Esclarece Marcos Costa:

Uma espécie de “rememoração” uma volta da alma que, ao devolver-lhe a memória de seu passado, restabelece o seu estado de lucidez e luminosidade. E assim, ao adquirir consciência e conhecimento de si mesma, ao reencontrar-se a si mesma e em si mesmo, a alma se aparta automaticamente do que não é ela, do que lhe é estranho, quer dizer, da matéria, ou da carne, ou há uma separação entre ela e o mal.¹⁵

Porém a moral maniquéia exigia ainda uma outra condição uma rigorosa vida ascética daqueles que eram seus adeptos mas principalmente os chamados “santos” e esta moral ascética maniquéia está sedimentada sobre cinco mandamentos: a) dizer sempre a verdade ou não mentir; b) a não-violência ou não matar; c) comportamento religioso- ou não comer carne e não ingerir bebidas alcoólicas; d) pureza da boca- ou ser puro; e) bem-aventurança- ou pobreza bem-aventurada.¹⁶

Praticando os cinco mandamentos os maniqueus tinham uma vida reta, não violenta, casta, abstinente e pobre e assim alcançavam a vida feliz descrita e prometida por Mani. E esses mandamentos eram concretizados através da observância das três regras chamadas pelos maniqueus os três selos ou marcas, que eram:

- 1) A marca ou selo da boca: exigia dos maniqueus dois tipos de sacrifícios, um o policiamento das palavras, para não blasfemarem ou dizer

¹⁵ Idem, p.95.

¹⁶ COSTA, Marcos. O Problema do Mal na Polêmica Antimaniquéia de Santo Agostinho. cap.3.3, p.106.

mentiras, a boca do maniqueu era para louvar o Salvador- Mani, e o segundo sacrifício seria com algumas restrições alimentares, como carne, vegetais pesados, vinho ou outra bebida alcoólica, os “santos” deveriam viver em um jejum contínuo o “jejum dos santos” que consistia em duas refeições diárias à base de pão e vegetais leves e algumas frutas e assim os maniques acreditavam estar seguindo o quarto mandamento o da pureza da boca- ou não comer carne e ingerir bebidas alcoólicas. Acreditavam ainda que os “santos” ao ingerir os alimentos acabavam purificando-os, as partículas de Luz presas aos alimentos seriam libertas pelo corpo dos “santos”, eles também eram proibidos do suicídio por inanição (greve de fome).

- 2) A Marca ou selo das mãos: os “santos” eram privados de vários atos como matar animais, cortar árvores, trabalhar a terra e sujar as águas, porque para os maniqueus toda a natureza está cheia de partículas da Luz e matar os animais ou trabalhar a terra era considerado um crime que significava destruir as partículas da Luz que está prisioneira na matéria e seria um atentado ao Jesus Cósmico presente na natureza, por isto também eles (os “santos”) eram vedados ao trabalho e assim o segundo mandamento estava sendo cumprido não-violência ou não matar. E também os “santos” não poderiam adquirir bens ou propriedades e viviam de favores e doações de laicos e desta forma cumpriam o quinto mandamento o da bem-aventurança ou pobreza bem-aventurada.
- 3) A Marca ou selo dos seios: a terceira regra era a abstinência total dos prazeres sexuais ou de outra natureza, e eram contra a procriação de qualquer espécie inclusive a do homem por parte dos “santos”, eles não podiam casar, procriar e nem plantar árvores, já que, isto era uma forma de reprodução das almas contaminadas ou presas aos corpos vivos, e desta forma os maniqueus cumpriam o terceiro mandamento o comportamento religioso -ou ser puro.

Ainda existia a programação litúrgica, quando os “santos” deveriam orar sete vezes ao dia, e os ouvintes quatro vezes, sendo que havia as orações diurnas que eram feitas com o rosto virado para o sol e a noturna que eram feitas com o rosto virado para a lua. E havia também as celebrações litúrgicas-sacramentais aos

domingos a principal celebração era a festa Bêmea, coincidia com o domingo de páscoa, já que, era feito uma analogia entre Mani e Cristo e neste dia era celebrada a morte de Mani. E vinte e seis dias antes da celebração era feito um jejum aonde “santos” e ouvintes jejuavam e faziam confissões, apesar dos ouvintes poderem casar, ter filhos e etc. eles tinham que seguir algumas regras composta pelos “dez mandamentos” ou “credo”, para que o ouvinte tivesse disposição para a religião, os dez mandamentos são:

1) Renúncia a idolatria; 2) velará pela pureza de sua boca; 3) não comer carne e nem ingerir bebidas alcoólicas; 4) abster-se de qualquer ato desrespeitoso com os membros da hierarquia da igreja; 5) não praticar o adultério; 6) socorrer os aflitos e recusar a avareza; 7) não seguir falsos profetas; 8) evitar maltratar, ferir, matar, sem necessidade os animais e vegetais; 9) não roubar; 10) afastar-se de qualquer tipo de magia ou feitiçaria.

Os ouvintes também ajudavam na celebração do culto e na preparação dos alimentos para a classe da hierarquia, desta forma os ouvintes acreditavam que agindo assim poderiam em uma outra encarnação vir a ser um “santo” que é um privilégio.

Agostinho tendo se convertido, viu a necessidade de expor seu pensamento em relação aos maniques através de sua obra “ O Livre-Arbítrio”, para corrigir os erros dos maniqueus. O Bispo de Hipona achava insuportável a idéia de que o mal provinha de Deus, ele conseguiu uma explicação que se tornou um ponto de referência durante séculos.

Declara Nair de Assis Oliveira:

“Se tudo provém de Deus, que é o Bem, de onde provem o mal? Depois de ter sido vítima da explicação dualista maniqueia; Agostinho encontra em Plotino a chave para resolver a questão: o mal não é um ser, mas deficiência e privação do ser.”¹⁷

Agostinho, porém, vai além e examina o problema em três níveis: o metafísico-ontológico, moral e físico. Do ponto metafísico-ontológico o mal não existe, ele é a privação do bem, mas existe graus inferiores de ser em relação a Deus. Mas aquilo que parece ser um mal, na realidade não é, ele desaparece no conjunto, pois o universo é articulado de uma forma harmônica em seu conjunto. O pecado , segundo Agostinho é o mal moral, a vontade livre ou a má escolha dessa

¹⁷ OLIVEIRA, Nair de Assis. O Livre-Arbítrio. p.16.

vontade que nos afasta do Sumo Bem e nos coloca junto aos bens inferiores. Desta forma fica claro que não há um único bem, mas sim vários bens, e que o pecado está na escolha incorreta deste bem. Sendo dada por Deus esta vontade livre é para nós um bem e o mal é o mau uso desse grande bem.

O mal físico referente ao corpo, este mal tem como consequência no pecado original, é o mal moral refletido no corpo físico, é a corrupção do corpo que pesa sobre a alma. Agostinho nos coloca sempre a bondade infinita de Deus e que sem o livre-arbítrio não haveria mérito, responsabilidades, ou virtudes, ou vícios.

Com a obra “O Livre-Arbítrio”, Agostinho faz uma demonstração e fundamenta de uma forma racional o mal moral.

2 O LIVRE-ARBÍTRIO

Neste capítulo vamos expor o pensamento filosófico de Agostinho na obra “*O Livre-Arbítrio*”, procuraremos desenvolver os temas relacionados ao mal moral, o abuso da vontade, o livre-arbítrio e a liberdade humana. Seguindo as linhas gerais do pensamento agostiniano. Estes temas são tratados no “*O Livre-Arbítrio*”, nos livros I e II.

O autor apresenta o problema do mal sobre dois pontos de vista, o metafísico-ontológico e o mal moral.

Sob o ponto de vista metafísico-ontológico, o mal não existe, ou seja, ele é um não-ser, mais precisamente a privação do bem, sendo que Deus é o criador de todas as coisas e sumariamente bom, Ele jamais criaria algo que não fosse o bem, declara Agostinho: “Pois bem, se sabes e acreditas que Deus é bom - e não nos é permitido pensar de outro modo – Deus não pode praticar o mal”¹⁸. Desta forma o pensador africano nos coloca uma questão; quem é o autor do mal?

Segundo Agostinho não existe um único autor do mal, mas todos o que praticam uma má ação, e vai mais além, que toda ação má voluntária é punida pela justiça de Deus, sendo assim a prática do mal depende do ato livre e também não pode ser ensinado, porque para ele é evidente que o ato de instruir é sempre um bem.

O bispo de Hipona esclarece: “Assim será impossível o mal ser objeto de instrução. Caso fosse ensinado, estaria contido no ensino e, desse modo, a instrução não seria um bem. Logo o mal não se aprende.”¹⁹

¹⁸ AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. cap.1, p.1.

¹⁹ *Idem*, p.3-8.

E dispõe que se a instrução nos falar do mal será para evitá-lo, pois a verdadeira instrução jamais ensinaria o mal. Agostinho declara que todo aquele que usa de inteligência procede bem e que toda a inteligência é boa e por conseguinte, todo aquele que visa o desenvolvimento da inteligência, da reflexão só pode ser um bem, pois é o maior bem que o homem possui na ordem natural das coisas.

O pensador africano nos coloca a pensar porque agimos mal e qual o motivo que nos leva a praticar más ações, sendo nós criaturas de Deus, criados a sua imagem e semelhança. Sabendo que Deus não é o autor do pecado mas sim o pecado procede das criaturas criadas por Ele, a origem do pecado deve ser atribuída às criaturas e não ao criador.

Agostinho nos leva a perceber que temos que crer para compreender e desta forma nos remete a verdade da fé, por uma explicação que tende a satisfazer a razão. Temos que explicar aqui que estamos falando do mal moral, não do mal físico o qual se conecta com o sofrimento corporal. O mal moral é aquele que nos remete a más ações pois a paixão domina a razão.

O pensador africano diz: “Nada é tão evidente. Vejo já não ser mais preciso longos discursos para me convenceres do mesmo a respeito do homicídio, do sacrilégio e, enfim, de todos os outros pecados. Com efeito, é a paixão que domina”.²⁰

Desta forma Agostinho reflete que todas as más ações provêm das paixões humanas e que por medo as pessoas praticam ações más. Mas como o homem só pode se libertar dessas paixões condenáveis a lei divina, através da sabedoria tomada como ciência no sentido do conhecimento humano.

Para Agostinho a lei justa feita pelos homens é também obra de Deus, para organizar a sociedade. Assim sendo quando a pessoa não é cometida pela paixão ao cometer uma ação má, visando por exemplo se defender contra um agressor, esta pessoa será menos culpada aos olhos de Deus, que aquelas que matam por paixão.

Segundo Agostinho temos que saber distinguir a lei eterna e as leis temporais. Na lei temporal nada existe de justo e legítimo que não tenha sido retirada da lei eterna, vinculada a Deus que é imutável. A lei divina é pura sabedoria, já as leis temporais são reguladas a mudanças.

²⁰ AGOSTINHO, O Livre-Arbitrio. cap.1, p.3-8.

Continuando em sua análise o autor passa a tratar no “ *Livre-Arbítrio*” o problema da vontade livre, ou seja, a má escolha do livre-arbítrio do homem podendo, apenas com uma única má decisão ser afastado das leis divinas. E dessa forma ele age imoralmente, contra a vontade de Deus, então acontece que a partir do momento em que o homem comete o mal ele está subordinado às paixões que são decorrentes da própria vontade. Sendo assim, a criatura prefere a satisfação pessoal, que é inferior do que a lei eterna de Deus, isto só é possível com a escolha da vontade livre. Porém para o pensador africano o homem tem que ter consciência de possuir boa vontade:

O que vem ser a boa vontade? E a vontade pela qual desejamos viver com retidão e honestidade, para atingirmos o cume da sabedoria. Considera agora, se não desejas levar uma vida reta e honesta, ou se não queres ardentemente te tornar sábio. Ou pelo menos, se ousarias negar que temos a boa vontade, ao quisermos essas coisas.²¹

Segundo Agostinho a boa vontade é vivermos com retidão e honestidade para alcançarmos a sabedoria que, para ele é a lei eterna em nós e vivendo segundo esta lei a nossa razão domina as nossas tendências inferiores. Contudo, para o autor, exercitar a boa vontade depende também das quatro virtudes cardeais que são: a prudência, a força, a temperança e a justiça. Estas virtudes formam em resumo as virtudes morais agostinianas, e segundo ele o homem feliz é aquele que realmente ama sua boa vontade.

A vontade humana é essencialmente criadora e livre e nela tem raízes a possibilidade de o homem afastar-se de Deus. Reside aí a essência do pecado que de maneira alguma é necessário e cujo único responsável seria o próprio livre-arbítrio da vontade humana. A queda do homem é de inteira responsabilidade do livre-arbítrio humano e segundo o autor o livre-arbítrio é o verdadeiro responsável pelo pecado. Declara Agostinho: “*Não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio. Não vejo conclusão nenhuma tão necessária quanto essa.*”²²

O livre-arbítrio, presume, de acordo com a doutrina cristã, que trilharemos o caminho do bem se desejarmos o reencontro com Deus e afastarmos Dele pela nossa vontade , o que nos levaria, certamente na direção do mal. Sabendo que

²¹ AGOSTINHO. O Livre-Arbítrio. cap.1, p.12-25.

²² Idem, 11^a-21c.

quem nos deu o livre-arbítrio foi Deus, ele existia no primeiro homem segue-se que seus descendentes estavam intactos, mas são livres para usar o mal e tem a liberdade de só fazer o bem, contando com a graça divina. Nem todos os homens recebem a graça das mãos de Deus, apenas alguns eleitos que estão portanto destinados a salvação, porém o livre-arbítrio é um bem, pois este procede de Deus e todos os bens vem Dele, apesar do homem ainda querer fazer mal uso da sua liberdade, a sua vontade livre é considerada um bem, porque é um meio de vivermos honestamente e para que nós pudéssemos conquistar nossos méritos, e segundo o pensador africano o livre-arbítrio é um bem médio, pois ele depende da vontade livre para escolher uma má ou uma boa ação; se a vontade livre aderisse ao Bem imutável e universal, a vontade chegaria a possuir a bem-aventurança o que é um Bem supremo do homem :

Acontece que aqueles bens desejados pelos pecadores não são maus de modo algum. Tampouco é má a vontade livre do homem, a qual como averiguamos, é preciso ser contada entre os bens médios. Mas o mal consiste na aversão da vontade ao Bem imutável para se converter aos bens transitórios.²³

Segundo a teoria platônica do bem ao qual Agostinho foi adepto, todo o mal consiste na carência do bem, portanto, um ser existe tanto menos quando necessita do bem. Assim a falta da bondade do livre-arbítrio que é o pecado, não pode vir de Deus, mas de um defeito de ser e de operar, sendo ele o verdadeiro não-ser. Na verdade a única fonte do mal é a liberdade humana, a origem do mal moral, está na deficiência da vontade livre, porque todo bem por mínimo que seja, vem de Deus.²⁴

Agostinho indaga porque a vontade se afasta do Sumo Bem, mesmo que esta vontade tenha sido dada de uma forma que tenhamos uma tendência em direção aos bens inferiores tal tendência possui movimento natural dos bens mutáveis, para os bens imutáveis; tal movimento é culpável, sendo que este movimento provém da alma e é voluntário, então devemos reprimir e condenar qualquer movimento da queda dos bens mutáveis, procurando orientar nossa vontade a escolher os bens imutáveis, os bens eternos. Se a nossa vontade foi dada por Deus que é a fonte de toda a bondade com certeza essa vontade serve para praticarmos somente boas ações. E quanto ao movimento pelo qual a vontade tem

²³ AGOSTINHO. O Livre-Arbítrio. II, p.19-53.

²⁴ OLIVEIRA, Nair – notas complementares, In: AGOSTINHO. O Livre-Arbítrio. p.276-63.

uma ou outra tendência, este movimento voluntário está no poder da vontade humana. Se orientada para os bens superiores ele é inculpado, mas quando gira e se inclina sobre si mesmo, tem a tendência para os bens inferiores.

Assim sendo, a vontade mesmo pecadora é um bem, pois Deus não forçou ninguém a pecar, mas deu-lhes o poder de escolha de não fazê-lo, ou seja, Deus não é a causa do pecado:

Eu, pelo contrário, não encontro , e mesmo certifico de que não existe, nem pode existir, meio de atribuir a Deus o que em suas criaturas acontece necessariamente. Ao contrário, que tudo se realiza de tal forma que sempre fica intacta a vontade livre do pecador.²⁵

Para Agostinho toda a natureza como tal é designada pela palavra “substância” e já que toda substância é Deus, ou procede Dele assim tudo o que é bom é Deus, ou seja, toda a matéria corrompe-se sem que já esteja viciada, pois a natureza não corrompe-se se ela não tiver algo de corruptível, e se ela não tem nada de corruptível, outra natureza não pode corrompê-la a não ser pelos vícios que se encontra nela mesma e pela sua influência, e pode acontecer de uma natureza mais forte corromper uma natureza mais fraca, sem que haja vícios de nenhum dos lados, então estas não são dignas de reprovação.

Tendo visto a obra “*O Livre-Arbitrio*” de Agostinho, no próximo capítulo veremos a herança e superação do Neoplatonismo em Agostinho.

²⁵ AGOSTINHO. *O Livre-Arbitrio*. III, 6-18a

3 O MAL EM AGOSTINHO: HERANÇA E SUPERAÇÃO DO NEOPLATONISMO

Neste último capítulo de nosso trabalho, vamos tratar da influência do neoplatonismo na formulação da concepção agostiniana do problema do mal. Inicialmente, vamos expor o artigo do prof. Marcos Costa, O Problema do mal em Santo Agostinho: Apropriação e Superação do Neoplatonismo, artigo este que aparece na obra “ O Neoplatonismo “ de Oscar Federico Bauchawitz (ORG).

Agostinho nos meados de 384, em Milão, se sentiu atraído por um orador muito famoso de sua época o Bispo Ambrósio qual, nos seus sermões, falava sobre o conceito de “substância espiritual” que para Agostinho era algo ainda desconhecido. Assim através de Bispo Ambrosio, Agostinho tomou conhecimento que o Deus do cristianismo uno e criador, formava uma substância espiritual, não uma substância corporal ou material.

Desta forma rompe com a doutrina maniquéia referente ao seu dualismo-materialismo a existência de duas forças em luta no mundo: o domínio da luz - o bem e o domínio das trevas - o mal, sendo estas duas naturezas corpóreas.

Segundo Ambrósio para melhor compreender a Bíblia era preciso distinguir a “letra” e o “espírito”, esta foi a forma que ele utilizou para banir das Sagradas Escrituras as contradições e os escândalos e os enganos que envolvem as histórias da fé. Assim sendo coisas que eram inaceitáveis nas Escrituras Sagradas começavam a ter sentido.

Declara Marcos Costa:

“Agostinho começava a compreender que, se Deus é um ser perfeitamente espiritual ou imaterial e considerando que a alma é o que há de imaterial no homem, obviamente é nesta que está a semelhança do homem com Deus.”²⁶

Enquanto ouvia os sermões de Ambrósio, paralelamente, Agostinho se dedicava juntamente com seus discípulos à discussões intelectuais entre essas, estava o problema do mal. Se ele sabia através dos sermões de Ambrósio que a idéia de que todas as coisas corpóreas ou não, foram criados por um único Deus imutável, incorruptível e sumamente bom.

Por conseguinte Agostinho e seus discípulos ficaram intrigados para entender qual a origem do mal. Se como afirmavam os maniqueus, que existiam duas forças ontológicas criadoras do bem e do mal, nos é o contrário um único Ser é o princípio e o criador de todas as coisas do nada, conforme os sermões de Ambrósio. Como então explicar do mal presente no homem e no mundo? Esta situação era de muito angústia para Agostinho até que chegou em suas mãos ainda em Milão “alguns livros platônicos”, que são reconhecidamente um dos pilares da sua doutrina.

Declara Marcos Costa: “Agostinho sempre reconheceu a importância que exerceu sobre ele o neoplatonismo, sendo este, reconhecidamente, um dos alicerces de sua doutrina”.²⁷

Mas com relação ao problema do mal ainda não estava resolvido de toda a questão e que desta forma ele superou o neoplatonismo sem abandoná-lo de todo, mas criando sua própria resposta.

3.1 O PROBLEMA DO MAL NA VISÃO NEOPLATÔNICA DE PLOTINO

Segundo Plotino existe um sistema de unidade entre os dois mundos: inteligível e sensitivo, mas que não são opostos e nem independentes, mas têm o mesmo princípio e fim ontológico – tudo começa e volta ao Uno. O Uno aqui para Plotino é Deus, então no princípio tudo emana deste Uno do qual procede todas as coisas e que a multiplicidade dos seres não é direta tem um desdobramento uma derivação do Uno e esse processo passa por graus hierárquicos até a perfeição.

²⁶ COSTA, Marcos. O Problema do Mal em Santo Agostinho: Apropriação e Superação do Neoplatonismo. In: BAUCHWITZ, Oscar (org). O Neoplatonismo. p.40.

²⁷ Idem. p. 41.

O aparente dualismo de Plotino, segue o sistema de Platão que divide a realidade, que seria o todo em dois mundos: o inteligível e o sensível, aonde cada um deles sofrerá desdobramentos hierárquicos da perfeição. O mundo inteligível e incorpóreo é o superior e ele dividiu em três sedimentos principais:

Acima de tudo está o Uno, o Super-Bem, ele transcende é perfeito, eterno, infinito e necessário. E deste emana a segunda processão, a Inteligência ou Noûs que é uma cópia do Uno é a mais perfeita de todas as processões, mas ela não tem a unidade perfeita, marca o início da multiplicidade, apesar de ser a mais próxima do primeiro Princípio ela traz em si uma divisão interna: Ela contempla o Uno, do qual ela faz parte, mas também ela contempla a si mesmo e é consciente de si mesmo através da razão.

A terceira emanção a Alma Universal ou Alma do Mundo que é a substância espiritual, o princípio que anima o universo, ele dá a vida a todos os seres.²⁸

Estes sedimentos deram grande contribuição intelectual a Agostinho, pois certamente confirmariam racionalmente a idéia crista que aprendera com Ambrósio que Deus é um ser único que transcende que não ocupa lugar no espaço, ou seja, ele é de uma substância espiritual.

Agostinho ainda faz uma ligação com o Uno de Plotino que emana o Intelecto, ou o Logos num primeiro momento, com o Verbo do Evangelho de São João. Relata Marcos Costa:

Agostinho que já havia lido o apóstolo João, agora, ao ler em Plotino que o Uno emana o Intelecto ou o Logos, conclui, pelo menos, num primeiro momento, que há uma estrita relação entre o Logos ou Noûs de Plotino e o Verbo do Evangelho de São João.²⁹

Mas havia um problema na doutrina emanatista de Plotino: como conciliar a unidade perfeita, espiritual, eterna, infinita, imutável e necessário do Uno, com a finitude da natureza e a múltipla contingência dos seres corpóreos? Plotino para resolver este problema classifica a matéria e os seres corpóreos pela teoria da emanção, onde tudo está no Uno. Que toda multiplicidade no mundo sensível deriva no Uno e também através de um processo de graus hierárquicos da

²⁸ COSTA, Marcos. O Problema do Mal em Santo Agostinho: Apropriação e Superação do Neoplatonismo. In: BAUCHWITZ, Oscar (org). O Neoplatonismo.

²⁹ Idem, p.42.

perfeição, portanto existe uma unidade entre os dois mundos; inteligível e sensível e não um dualismo radical.

Para Plotino esta multiplicidade não diminui em nada a essência do Uno, ele pode expandir-se por todas as substâncias, espirituais ou corpóreas sem perder nada. Este processo se dá através da irradiação, a luminosidade do Uno, atingido até o último grau da matéria que é o extremo oposto do Uno. Os três sedimentos do mundo inteligível como substâncias materiais, serão consideradas por Plotino emanações de sua plenitude infinita onde de um modo determinístico e hierárquico, a Inteligência procede do Uno, esta engendra a Alma e que através desta tocamos o mundo sensível, pois ela é o último grau da emanação do Uno, o lugar da multiplicidade e o princípio do mal.

Então na Alma Universal é onde é feita a transição do mundo sensível. Segundo Plotino, isto é possível porque a Alma Universal é análogo a emanência da Inteligência pois esta traz em si sua dupla natureza, a contemplação do Uno (Alma Superior) e se relaciona com o mundo sensível (Alma Inferior), pois assim ela multiplica-se sem se dividir ou perder sua unidade, gerando os seres corpóreos – a matéria. No sistema unitário de Plotino, a união da matéria com a Alma Universal origina-se os seres corporais. A matéria é então a última das instâncias do Uno, o seu extremo e que além da matéria não há mais imanência alguma ou não existe mais nada, aonde pode ter a possibilidade do mal, pois sendo este lugar obscuro. Desta forma na concepção plotiniana a matéria quando ainda não estiver unida a Alma, ela é um não-ser o “nada”. Declara Marcos Costa.

Aqui estamos diante de um conceito neoplatônico de grande importância na formação intelectual de Santo Agostinho, a noção de “nada”, como equivalente ao conceito de “não-ser”, o qual teria grandes reflexos no seu pensamento no que concerne a solução do problema do mal³⁰.

Enquanto fora maniqueu o pensador africano, somente concebia a realidade como uma substância corpórea ou material, na tentativa de definir o “nada” Agostinho só conseguia através da utilidade de algo corpóreo como por exemplo: “espaço vazio”. Então segundo a doutrina maniqueia o “nada” e o mesmo que um espaço vazio, mas a rigor o “nada” não existia para o maniqueísmo, pois se o “nada”

³⁰ COSTA, Marcos. O Problema do Mal em Santo Agostinho: Apropriação e Superação do Neoplatonismo. In: BAUCHWITZ, Oscar (org). O Neoplatonismo. p.42.

é um espaço corpóreo, mesmo que vazio é uma coisa ou um ser, visto que, um “nada absoluto” era inconcebível.

Mas Plotino ainda não havia solucionado o problema do mal, apesar de ter definido como não-ser (nada), algo informe ou sem uma determinação, Plotino dá substância a existência do não-ser quando ele o liga identificando-o com a matéria. Na visão plotiniana o mal tem uma origem natural, na matéria e exerce uma função necessária no cosmo, sendo como a degradação da perfeição na multiplicidade das essências. E se fosse assim o mal faria parte da ordem do cosmos, como sendo algo pré-programado.

Sabemos que Agostinho se distancia bastante, se não de todo dessas idéias plotinianas, pois para o pensador africano o mal não é algo natural. Plotino serve como ponto de partida para a solução da origem do mal e a partir das idéias neoplatônicas ele dá rumo a sua própria solução ao problema do mal, colocando-o como a uma privação de um bem. E neste sentido Agostinho põe um senso ético-moral ao classificar o mal como a privação ou ausência do bem.

CONCLUSÃO

Discorremos neste trabalho sobre o Problema do Mal em Agostinho. No primeiro momento, vimos o Mal na Perspectiva Maniquéia depois trabalhamos a argumentação agostiniana em sua obra “O Livre-Arbitrio” e por fim vimos, “O Mal em Agostinho: Herança e Superação do Neoplatonismo”.

A obra “O Livre-Arbitrio”, de Agostinho foi escrita contra os maniqueus, visando tratar o problema do mal. O maniqueísmo como foi visto, era uma seita ou doutrina que pregava a inculpatibilidade do homem em relação ao problema do mal, pois, os maniqueus acreditavam que o homem já estava determinado a fazer o mal, pela dualidade de sua alma, uma alma boa e outra alma má, uma alma da luz e outra das trevas, acreditavam em um Deus corpóreo e conseqüentemente uma alma corpórea.

Mani, O Paraclito, fundador da doutrina maniquéia, acreditava que o mal não poderia ser negado e que ele existe desde sempre e que a Luz está em vantagem com relação às trevas, por sua beleza, compreensão e bondade sendo que ela está contraposta às trevas, que seria a feiúra, a maldade e a falta de inteligência da matéria, porém ambas estão em nível de igualdade como substâncias existentes. O maniqueísmo nos remete a uma dualidade em relação a origem do bem e do mal no mundo e segundo eles se Deus era a causa de todo o bem no mundo, porque não poderia Ele ser o autor do mal.

Agostinho angustiado em relação ao problema do mal no mundo, resolve escrever a obra “O Livre-Arbitrio”, como resposta aos maniqueus, sobre o problema do mal. Para Agostinho o mal não poderia ser criado por Deus, pois Deus jamais criaria algo que não fosse bem. Agostinho parte do pressuposto que o mal metafísico-ontológico é um não-ser (nada), ou uma privação ou ausência do bem. O

mal não pode ser visto como substância (Ousia), já que toda a natureza criada por Deus é um bem, o mal é a corrupção e desta forma não tem consistência ontológica, Agostinho chega a conclusão que o mal está no livre-arbítrio do homem, na vontade livre.

O mal moral no homem consiste no pecado, aonde se encontra a má vontade do homem e sua má escolha, logo a origem do mal está nas criaturas não no Criador, se existe algum mal, este mal é de ordem moral criado pelo próprio homem através de suas paixões, sua vontade livre e sua má escolha. E para Agostinho se houver algum mal Deus o permite porque na ordem e na harmonia cósmica no fundo ele é um bem. Agostinho demonstra que o problema ou a origem do mal não está em Deus que é sumamente bom e justo, mas no homem com o seu livre-arbítrio e com o pecado original, com a queda de Adão, aonde o homem “perdeu seu estado de inocência e bondade” e os transmitiu a seus descendentes.

Tendo acesso aos escritos neoplatônicos, principalmente os de Plotino, Agostinho iria transpor mais um degrau com relação ao problema do mal e superar as idéias neoplatônicas, relacionando a Inteligência ou Nôus – com o Verbo do Evangelho de São João. Agostinho despertou seu interesse pelos escritos platônicos referentes ao conceito do não-ser equivalente ao nada. Paralelamente Agostinho envia os sermões de Ambrósio e o conceito de “substância espiritual” que ajudou-o a superar o materialismo maniqueu e conduzi-o novamente para a fé. Platino serve como ponto de partida para a solução do problema ou da origem do mal e a partir das idéias neoplatônicas Agostinho vai além, colocando-o como uma privação de um bem. E neste sentido o pensador africano põe um senso ético-moral ao classificar o mal como a privação ou ausência do bem.

A importância do problema do mal, consiste em como podemos conciliar a bondade divina com a maldade no mundo, Agostinho consegue racionalmente provar que a maldade está no homem não em Deus, o que jamais faria ou criaria algo que não fosse o bem. Nesse sentido a solução de Agostinho ao problema do mal se constitui numa resposta madura e bem fundada na razão, contribuindo para o enriquecimento do debate filosófico, especialmente nos domínios moral e também no que diz respeito, mais plenamente, às relações entre fé e razão.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Mestre Jou, 1970.

AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

AGOSTINHO. *A Vida Feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.

COSTA, Marcos. O Problema do Mal em Santo Agostinho: apropriação e superação do Neoplatonismo. In: BAUCHWITZ, Oscar (org.). *O Neoplatonismo*. Natal: Argos, 2001.

COSTA, Marcos. *O Problema do Mal na Polêmica Antimaniqueia de Santo Agostinho*. Porto Alegre: EDIPUCRS/UNIAP, 2002.

COSTA, Marcos. *Maniqueísmo História, Filosofia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Marcos. O Problema do Mal em Santo Agostinho. In: _____ (org.) *A filosofia medieval no Brasil: persistência e resistência – homenagem dos orientandos e ex-orientandos ao Mestre Dr. Luis Alberto De Boni*. Recife: Gráfica e Editora Printer, 2006.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.